

O COMPUTADOR E A GÊNESE DO TEXTO

JOÃO M. S. MATOS *

Não pretendemos, com este trabalho, fazer uma completa e exaustiva demonstração dos processadores de texto, sejam eles quais forem. Também não é nossa intenção mostrar as vantagens do computador nas suas múltiplas vertentes de utilização nem, ao invés, tecer considerações de tal modo destrutivas que levem os potenciais utilizadores, aqueles que perante o computador ainda manifestam algum receio e balançam entre o sim e o não, a fugir dele como o diabo da cruz. Também não iremos falar das idiosincrasias da língua portuguesa, da ortografia portuguesa, e das dificuldades maiores ou menores em escrever com correção no computador. De uma maneira ou de outra, todos quantos o utilizam terão consciência dessas dificuldades e de como as ultrapassar. Aquilo que nos move é, tão somente, mostrar a outra face, isto é, que aos aspectos positivos, sejam eles quais forem, há sempre que acrescentar os aspectos negativos; que a construção implica sempre uma demolição, ou tem na sua base sempre uma demolição; que a um pró haverá sempre que

associar um contra; que, na linha da sabedoria popular, também o computador, abela, tem o seu senão.

E isto não significa que sejamos anti-computador; que recusemos os avanços da técnica quando ela se coloca ao lado do Homem, e não contra o Homem; que ignoremos os benefícios trazidos pela Ciência.

Simplemente, e paralelamente a esse facilitalismo que o computador traz às tarefas que se nos deparam diariamente, *et pour cause*, pisamos, destruimos, apagamos e derrubamos, consciente ou inconscientemente, outros edifícios, outras marcas de cultura, indícios que são, para outros, tão importantes como, para o estudioso dos tempos passados, o são os restos de paredes, de ossos, de cerâmicas, etc., etc., etc..

É, no fundo, o que se passa com a construção de um texto, de todo e qualquer texto, e as marcas que essa construção paulatina pode deixar, se no papel, e desaparecer, se no computador.

* Docente na E.S.E. de Beja

A poluição que resulta da maioria das actividades humanas levou, recentemente, o homem a propor e a tomar diversas atitudes e acções: indústrias transformadoras de desperdícios, reciclagem de produtos, aproveitamento de restos, etc..

Com estas actividades, muito daquilo que representa a vida do homem de hoje, e poderia ser material de estudo para o homem futuro⁽¹⁾, transforma-se em cinzas, ou em outros produtos. De qualquer modo, desaparece, esfuma-se, deixa de ser o último representante de uma actividade humana.

Exemplifiquemos com dois casos do conhecimento geral.

Ainda não há muito tempo, foi notícia nos vários órgãos de comunicação social a descoberta, nos arredores de Lisboa, de um troço de algumas centenas de metros com pegadas de dinossauros que ia ser soterrado por uma estrada em construção. Este registo com milhões de anos revelou-se de tal maneira importante que a comunidade científica, e não só, propôs a alteração do trajecto estradal.

E para dar um exemplo paradigmático, que outros seriam possíveis de carrear para o que pretendemos, que se verifica em Mértola? Os registos do passado, deixados por homens do passado, estão a clarificar muito da história desses tempos antigos que a memória humana não perpetuou, ou perpetuou deficientemente nos seus escritos. Hoje, esses *desperdícios* humanos, porque não foram destruídos, ou porque sobreviveram à destruição, iluminam zonas sombrias do nosso conhecimento.

Também na escrita, nos produtos registados via simbologia gráfica com suporte

em materiais de origem animal ou vegetal a que normalmente, e para os produtos actuais, chamamos livros, é possível encontrar uma característica comum aos exemplos atrás citados.

Ou seja: também na escrita, nos produtos da escrita, há uma arqueologia, há uma história subliminar, uma realidade subjacente, uma evolução. Tal como um palácio, na sua aparência monumental, tem escondida uma estrutura, quicá fera e bruta, e, previamente a ela, no estirador, um caminho de hesitações, de avanços e recuos, também o edifício que é o texto escrito, seja ele literário, seja ele técnico, seja ele meramente coloquial e despretencioso, tem atrás de si o caminho mais ou menos tortuoso dos "noventa por cento de transpiração para dez por cento de inspiração".

Na realidade, um texto, antes de atingir a forma definitiva⁽²⁾, passa por várias e diversas etapas, qualquer uma delas susceptível de apresentar uma cara, uma faceta, um carácter último ou, por questões várias, encaminhar a própria construção, aquilo que se quer dizer, para caminhos anteriormente não pensados, não arquitectados, não imaginados. E tudo isto por ser a palavra uma entidade viva e de força tal que, mais vezes do que aquilo que pensamos, nos arrasta para onde ela muito bem entende, nos leva para caminhos menos queridos, nos impõe um discurso uma sequência, um trajecto; nos manietta, nos envolve, nos domina, nos arrasa.

Até tempos bem próximos de nós, para todos, e ainda hoje, para alguns, o acto de escrita efectua(va)-se sobre um suporte material concreto, o papel, sobre o qual se desenha(va)m símbolos, os grafemas, que, associados sob determinadas regras, origi-

nam palavras, signos, cada qual transportando uma ideia, um conceito. No fundo, a escrita mais não foi, é e será, que um estratagemma humano para fixar, para eternizar, na medida das suas possibilidades, aquilo que é efêmero, aquilo que é passageiro, aquilo que é vento, ou seja, a palavra oral.

Nesta situação de oralidade, palavra articulada é palavra recebida por quem a ouça; palavra pronunciada é palavra que nada nem ninguém pode olvidar, escamotear, apagar. Poderemos sempre, é obvio, corrigi-la *a posteriori*, mas certo é que a primeira por nós pronunciada teve a sua existência, exerceu o seu objectivo concreto e específico, independentemente da sua aplicação ser correcta ou incorrecta.

Em certa medida, é isso que se verifica quando trabalhamos com papel e lápis. Ao escrevermos um texto, ele nunca apresenta, de imediato, uma versão definitiva. Escrevemos uma palavra e, por qualquer motivo - gramatical, sintáctico, lexical, semântico ou por mero gosto - substituímo-la por outra. E como o fazemos? Pura e simplesmente riscando a primeiramente escrita e entrelinhando a nova possibilidade. Mais tarde, numa leitura posterior, poderemos, naquele ponto preciso do texto que construímos e alterámos, não gostar do que escrevemos e novamente substituímos, alteramos, transformamos. Com setas ou sem setas, com simbologia própria ou não, indicamos qual o percurso a seguir, qual o texto final e definitivo para aquele momento mental. De qualquer modo, todas essas marcas de correcção autoral, todas essas dúvidas, hesitações, alterações, transformações; tudo quanto mostra o percurso mental do autor, tudo quando indica e indicia um processo laborioso de construção; tudo quanto mostra que

a perfeição, se existe, só é atingível mediante trabalho apurado, aturado e paciente de lapidador ou de ourives da palavra; tudo quanto remete, ou possa remeter, para momentos espacio-temporais (interferências ao próprio discurso que, na versão definitiva, ou em revisões posteriores, o autor escamoteia, omite, elimina); tudo isso permanece, tudo isso vive por tempo mais ou menos longo quando, repito, o suporte é o papel.

E que se passa, que verificamos quando usamos o computador?

Tudo desaparece. As correcções imediatas, aquelas que fazemos no próprio momento de escrita, apagam-se e nada as guarda; com as correcções posteriores acontece o mesmo pois ao regravarmos desaparecem as situações anteriores. Com o computador, o que se nos apresenta é, somente, o produto final, polido de arestas, limpo de erros, perfeito, pelo menos naquele momento. Os estádios anteriores, as hesitações, os percursos alternativos ou elementos apontando essa possibilidade, as encruzilhadas, enfim, tudo aquilo que nos remete, que nos auxilia, que nos mostra a génese de um texto e o seu processo de construção, tudo isso desaparece, tudo isso se evapora, tudo isso se apaga da memória ou, quanto muito, fica UM registo de UM momento passado⁽³⁾. E ao desaparecerem essas marcas, tijolos de um edifício laboriosamente construído, quando aquilo que se nos apresenta à vista desarmada é o palácio, o prédio já como produto acabado, pronto para entrega, pintado, agradável aos olhos, sedutor; e ao desaparecerem essas marcas, degraus de uma construção, cria-se a ilusão de que as coisas nascem perfeitas, não que a perfeição é o produto de um processo de aprendizagem; cria-se a ideia de geração espontânea, e a espontanei-

dade é "para os raros somente"; cria-se a ilusão do facilitalismo, e facilidades a vida não no-las entrega de mão beijada; transmite-se, ainda que sub-repticiamente, a ideia de ruptura, de cortes com o passado, de saltos no saber, no conhecimento, na ciência, na natureza ... só que "natura non facit saltus".

Nem a natureza, nem o texto escrito.

Quando lemos, por exemplo um clássico da literatura portuguesa, invariavelmente pensamos:

"Como está bem escrito. Perfeito. Sem erros. Quem me dera escrever assim!"

Na verdade essa é a constatação imediata, é isso que nos salta aos olhos. Mas será assim na realidade? Isto é, aquela perfeição, aquela beleza terá surgido imediatamente na ponta da caneta do seu autor?

Vejamos alguns exemplos extraídos do poema "O Guardador de Rebanhos", de Alberto Caeiro.

Fernando Pessoa publicou, como se sabe, poucos poemas em vida: a *Mensagem* e mais alguns poemas dispersos por revistas, nomeadamente na *Presença* e na *Athena*.

Em contrapartida, deixou milhares de papéis com poemas manuscritos ou dactilografados. Muitos dos poemas hoje conhecidos, os publicados pela *Ática*, são, por isso, susceptíveis de não apresentarem a última vontade de Fernando Pessoa. Aliás sabe-se, verifica-se no espólio por ele deixado, que Pessoa era extremamente exigente com o que escrevia, corrigindo, alterando, modificando ao longo dos tempos aquilo que, provavelmente, lhe saía de rajada e de rajada

escrevia ou no bilhete do eléctrico, ou em papel de embrulho, ou no que quer que fosse que tivesse à mão. Essa exigência de perfeição é, em certa medida, uma questão de coerência, pois mais não faz que pôr em prática aquilo que afirma, pela pena de Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*: "Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, [...] a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como escarro directo que me enjoja independentemente de quem o cuspiisse."⁽⁴⁾

E se por ventura pensarmos que não será tanto assim, que Fernando Pessoa não odiava a página mal escrita e dominava tão bem a língua portuguesa que não precisava de corrigir os seus escritos, o sabermos que o milhar de versos do poema "O Guardador de Rebanhos" apresenta, pela mão do autor, correcções em centena e meia deles, muitas dessas correcções com meia dúzia de variantes, modifica, cremos, aquela primeira opinião⁽⁵⁾

Mas vejamos duas ou três dessas correcções, que só conhecemos por escritas em papel.

No **Poema XXXVIII**, (v.11, p. 60 da edição da *Ática*), lê-se:

"Que adorar o ouro e Deus".

O manuscrito autógrafo apresenta a palavra *ouro* riscada e, entrelinhados, o substantivo *sol*, em substituição de *ouro*, e o advérbio *depois*, a seguir à copulativa. Donde, o verso potencialmente mais próximo da vontade do autor⁽⁶⁾ será.

Que adorar o sol e depois Deus e não como surge na edição vulgarizada.

Outro.

No **Poema I**, (p. 20 da edição da *Ática*), os versos 28, 29 e 30 são:

Não tenho ambições nem desejos.

Ser poeta não é uma ambição minha.

É a minha maneira de estar sozinho

Este último verso começou por ser

É a minha maneira de olhar para a

[minha sombra.

Depois, Fernando Pessoa riscou-o parcialmente e entrelinhou

estar ao pé de mim

transformando o verso em

É a minha maneira de estar ao pé de

[mim

e mais tarde, não contente com o resultado, voltou a riscar esta última lição e escreveu

estar sozinho,

tal como veio a publicar na revista *Athena* e nos aparece na edição da *Ática*.

No mesmo poema, v. 36, lemos

É só porque sinto o que escrevo ao pôr do

[Sol.

A versão inicial, e que consta no manuscrito, era

É só porque escrevo ao pôr do sol

a seguir, entrelinha *penso nos versos*, ficando, portanto,

É só porque penso nos versos ao pôr do Sol.

Não contente, insatisfeito, substitui *penso* por *sinto*. E, finalmente, substitui o sector intermédio várias vezes alterado por *sinto o que escrevo*.

Um último, simples e claro exemplo.

Os dois primeiros versos do **Poema VIII** eram inicialmente:

"Num meio-dia de fim de Primavera

Tive um sonho lúcido e feliz"

Este segundo verso é, num primeiro momento, alterado para

Tive um sonho visível e feliz.

Mais tarde, a segunda metade do verso é refundida, transformando-o em

tive um sonho como uma fotografia

a lição que nos aparece na edição da *Ática*.

Não vamos, nem essa era a nossa intenção, dissecar as alterações que o autor introduziu no seu texto e ficaram registadas. Nem, minimamente, pretendemos conjecturar sobre o motivo das alterações nem sobre o seu efeito estético-literário.

Com este trabalho, com estes exemplos extraídos da obra de um poeta célebre, que o poderíamos fazer com base em qual-

quer texto, inclusive este, pretendemos. somente, alertar para uma faceta, para um aspecto provavelmente nunca antes apercebido ou, se apercebido, tido eventualmente por insignificante e lateral a outras e mais ingentes preocupações; para um aspecto comezinho para uns, muitos?, mas importante para outros: Pretendemos somente mostrar que o aforismo popular "não há bela sem senão" também se aplica ao computador na sua utilização mais simples que é a de "máquina de escrever"; que, quando utilizamos o computador no acto de escrita. e não só, porque nos aproveitamos das facilidades que ele nos dá, corrigimos, alteramos. emendamos. eu sei lá que mais, com toda a facilidade e nada dessas correcções. nada dessas emendas. nada dessas alterações fica registado; nada daquilo que poderá permitir a um outro perceber um processo de construção. com as suas inflecções. com os seus erros. com as suas dúvidas, fica para a posteridade

Em última análise, pretendemos reavivar o que de há muito sabemos mas tendemos a esquecer: que a escrita, que o acto de escrever, é um processo lento, moroso. difícil; cheio de obstáculos, de armadilhas, de bifurcações; permanentemente sujeito ao erro e consequentes correcções e alterações: carregado de suor, de persistência. de força de vontade.

Que, anterior ao produto acabado. perfeito, belo, há todo um caminho lenta. paulatina e esforçadamente percorrido.

Não perder a consciência disso, é importante.

Alertar para esse aspecto, é um pouco a missão de todos.

Ensinar que, na arte, o belo não surge por geração espontânea, é também a obrigação dos educadores. de todo e qualquer educador.

Mostrar o caminho, e não só a chegada.

Mostrar os passos e os percursos. e com eles os perigos.

Historiar os processos; seriar as etapas.

Enfim. não esquecer que a insignificante pegada por nós deixada na lama do rio pode ser objecto de estudo daqui a milhares de anos.

E que o computador pode apagar essa insignificante pegada.

NOTAS

1- Não nos esqueçamos que, para o arqueólogo. são matéria de observação e análise atenta os *desperdícios* deixados pelos homens de antigamente.

2- Poder-se-ia, aqui, discutir o que é isso de "forma definitiva"; se é que alguma vez se atinge; se é que ela existe na realidade ou potencialmente. Não sendo o momento adequado, pensemos somente nas obras publicadas após criteriosa revisão pelo seu autor que sofreram, posteriormente, alterações da sua própria lavra. Esta situação concreta leva-nos a poder presumir que, em última análise, trabalhos definitivos, versões definitivas. não existem.

3- Duas questões/observações poderão ser aqui colocadas. Uma, prende-se com a possibilidade, efectiva, de guardar momentos não definitivos de um trabalho. Para tanto, bastará criar tantos documentos quantos os necessários para essa pretensão... mas será que alguém o faz? E, mesmo que o fizesse, quantas correcções/alterações imediatas ao acto de composição desapareceriam no momento de ordenar a preservação desse documento? Iria esse alguém criar um documento novo só porque substituiu uma palavra por outra?

A segunda observação relaciona-se com a impressora e o *produto* que dela sai. produto este que se pode corrigir. Num primeiro momento poderá parecer que essa possibilidade rebate o que acima dizemos. mas, na verdade, se corrigirmos e quando

corrigimos esse produto impresso estamos a funcionar na situação de papel e lápis.

4- Bernardo Soares, *Livro do Desassossego* -I, (Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha), Lisboa, Ática, 1982, p.17.

5- Esta e seguintes informações foram colhidas em Ivo de Castro "Para o texto de *O Guardador de Rebanhos*", em *Critique Textuelle Portugaise - Actes du Colloque - Paris, 20-24 Octobre 1981*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 1986.

6- Se é que podemos dizer que a última versão é a que está mais próxima da vontade de um autor. Vezes acontece, sabemos-lo, em que regressamos a uma versão anterior.

J.V.

Tão simples... tão Xerox!



Novos Produtos Rank Xerox.

A Rank Xerox oferece soluções simples às necessidades mais prementes dos seus Clientes. Soluções que passam por produtos de características inovadoras, de fácil operação e manutenção, robustos e fiáveis. Copiadores e impressoras, de grande porte, pessoais ou de grandes formatos, a preto e

branco e a cores, faxes de papel comum ou térmico, scanners, redes, computadores profissionais, estações de trabalho, software, etc. A Rank Xerox oferece-lhe integração total de uma forma prática, funcional, produtiva e económica. Afinal, tudo é tão simples quando é Xerox.



X Distribuidor Autorizado Rank Xerox
SEJA EVGRA PORTALEGRE